

“ENQUANTO VOCÊS DORMEM”:
A MADRUGADA PARATÓPICA DE CLARICE LISPECTOR

Thiago Eugênio Loredó Betta (UNEF)

thiago.eugenio@gmail.com

Sérgio Arruda de Moura (UNEF)

arruda.sergio@gmail.com

RESUMO

A paratopia consiste na junção do prefixo grego *para-* que significa proximidade e o radical de mesma procedência *topia*, lugar; logo, a paratopia seria um lugar próximo, uma certa impossibilidade de fixação. Um sujeito paratópico seria, portanto, alguém situado numa localização paradoxal, integrada à sociedade, mas distante dela; como um eremita. No âmbito da análise do discurso literário, proposta por Dominique Maingueneau (2001, 2006, 2008 e 2010), a paratopia corresponde à realização paradoxal de ordem espacial dos discursos constituintes e de seus produtores, pois, ainda que falem da vida social, os discursos e seus enunciadores não encontram lugar para se instalar na sociedade. Por meio desse termo, o presente trabalho considera a literatura de Clarice Lispector um discurso constituinte e, por conseguinte, a escritora uma enunciativa paratópica. Para tanto, analisa-se crônicas escritas por Clarice e publicadas no *Jornal do Brasil* em 1968 e argumenta-se que a insônia constante e a madrugada, momento de produção literária, constituem-se gestos paratópicos da autora.

Palavras-chave: Discurso literário. Paratopia. Clarice Lispector.

1. *Introdução*

O presente trabalho visa arregimentar argumentos por meio dos quais se possa considerar a literatura de Clarice Lispector um Discurso Constituinte e, por conseguinte, a escritora uma enunciativa Paratópica. Os conceitos discurso constituinte e paratopia aqui empregados têm origem nos estudos da análise do discurso literário de linha francesa. Esses, especialmente, cunhados por Dominique Maingueneau.

Para tanto, analisam-se crônicas escritas por Clarice e publicadas no *Jornal do Brasil* em 1968 e nelas se identifica a insônia constante e a madrugada, momento que, para Clarice, é apropriado para a escrita, com gestos paratópicos da autora.

2. Paratopia e discurso constituinte

A palavra paratopia, morfologicamente, consiste na junção do prefixo grego *para-* que significa proximidade e o radical de mesma procedência *topia*, lugar; logo, paratopia é um lugar próximo, uma certa impossibilidade de fixação. Um sujeito paratópico seria, portanto, alguém situado numa localização paradoxal, integrada à sociedade, mas distante dela; como um eremita.

No âmbito literário, entretanto, uma atitude marginal do escritor não basta para caracterizar a paratopia, pois ela também está relacionada à atividade de criação discursiva e ao seu campo de produção. Deste modo, é por intermédio das cenas enunciativas, isto é, da situação de enunciação e dos elementos constitutivos do próprio discurso, que o escritor fomenta um determinado posicionamento insustentável e, portanto, paratópico.

Na análise do discurso literário, proposta por Dominique Mainueneau (2001, 2006, 2008 e 2010), a paratopia corresponde à realização paradoxal de ordem espacial dos discursos constituintes e de seus produtores, pois, ainda que falem da vida social, os discursos e seus enunciadores não encontram lugar para se instalar na sociedade. Por essa perspectiva, “enquanto discurso constituinte, a instituição literária não pode de fato pertencer plenamente ao espaço social, mantendo-se antes na fronteira”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 92)

O linguista francês desenvolveu o conceito relacionando-o à produção de discursos constituintes, aqueles discursos que constroem sua legitimidade e sua validade por meio de seus próprios enunciados. São discursos que, por não se fundarem em outros, tornam-se discursos fundadores, discurso de origem, como é o caso do discurso religiosos, do discurso filosófico, do discurso científico e o discurso literário. Nos discursos constituintes, a paratopia é condição enquanto cena englobante – relacionada ao valor pragmático do discurso – e, ao mesmo tempo, condição do enunciador, que só se torna criador ao assumir de modo específico a paratopia dessa cena englobante.

A paratopia manifesta-se, então, como condição para a literatura e para o autor, ou seja, a paratopia opera como motor e conteúdo do processo de criação. Dessa maneira, as cenas enunciativas se erguem por intermédio da paratopia, que se manifesta no discurso na forma de, por exemplo, personagens exilados, peregrinos, fugitivos e messias, como pode ser observado nos excertos: "o espartano, depois de proibido pela

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Secretaria, tomou um desdenhoso ar de exilado" (LISPECTOR, 1999, p. 130) e "terror de estar na Terra, como uma saudade do céu". (LISPECTOR, 1999, p. 141)

Por tal perspectiva, nem num lugar nem noutra, o enunciador de um discurso constituinte nutre a condição paratópica que esse enunciado pressupõe. O escritor não pode se estabilizar na sociedade, não pode ser um profissional 'tópico', pois não fala de um lugar estável, mas negocia, a todo tempo, sua legitimidade, sua localização dentro do Campo literário, espaço donde emerge o discurso literário.

Pertencer à literatura demanda, portanto, uma negociação entre o lugar e o não-lugar, uma inclusão impossível. Por isso, "por mais que os escritores trabalhem, às vezes como loucos, seu trabalho não pertence ao que se denomina normalmente trabalho" (MAINGUENEAU, 2001, p. 31). Negociação constante do escritor a se manifestar em atitudes textuais e sociais. Por exemplo, a vida reclusa num bucólico vilarejo na França é um dentre outros gestos de Paulo Coelho para legitimar sua "literatura mística".

Logo, o escritor tem sua maneira particular de se vincular às condições do exercício da literatura de sua época e essa gestão não opera exclusivamente no exterior da obra, por ser parte de sua criação, afinal,

nem suporte nem quadro, a paratopia envolve o processo criador, que também a envolve: fazer uma obra é, num só movimento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzir essa obra. [...] *Intensamente presente e intensamente ausente deste mundo, vítima e agente de sua própria paratopia*, o escritor não tem outra saída que a fuga para a frente, o movimento de elaboração da obra (MAINGUENEAU, 2001, p. 109, *grifo nosso*).

Ao descrever o processo paradoxal de elaboração da obra literária, Dominique Maingueneau faz duas metáforas interessantes a respeito da paratopia do escritor, chamando-o de agrimensor e eremita, respectivamente, por ele gerir seu próprio espaço de enunciação e por falar sobre a sociedade distanciando-se dela. Como se estar só no mundo fosse condição para se produzir literatura.

Textualmente, a paratopia se apresenta de quatro formas: a paratopia de identidade (familiar, sexual ou social), a espacial, a temporal e a linguística. Ou seja,

a paratopia pode assumir a forma de alguém que se encontra em um lugar que não é seu, de alguém que se desloca de um lugar para outro sem se fixar, de alguém que não encontra um lugar; a paratopia afasta esse alguém de um grupo (paratopia de identidade), de um lugar (paratopia espacial) ou de um mo-

mento (paratopia temporal). Acrescentem-se ainda as paratopias linguísticas, cruciais para o discurso literário, que caracteriza aquele que enuncia em uma língua considerada como não sendo, de certo modo, sua língua. (MAINGUENEAU, 2010, p. 161)

Neste breve estudo, consideramos a madrugada enunciada e vivenciada por Clarice Lispector, ao passar as noites sem dormir e ao utilizar esse período de tempo para produzir literatura, como uma paratopia temporal e a insônia, uma forma de paratopia de identidade.

3. A madrugada paratópica

A acreditamos que a insônia, quase que cotidianamente enfrentada por Clarice Lispector e relatada de forma recorrente nas crônicas disponíveis no compêndio *A Descoberta do Mundo* (1999), e a madrugada, período do dia em que a maior parte da população dorme, podem ser traduzidos como gestos paratópicos, dentre tantos outros, da autora. No caso, uma paratopia de identidade, pois a insônia é uma perturbação subjetiva e, ao mesmo tempo, uma paratopia temporal, pois a madrugada ocorre quando quase todos os outros membros da comunidade humana dormem.

Como se a perturbação do sono, amálgama de dor e lúcida consciência, fosse a manifestação da graça e da desgraça do escritor, pois “ele é ao mesmo tempo o impuro e a fonte de todo valor, o pária e o gênio [...]”. Na fronteira da sociedade organizada, o artista é aquele em que se misturam perigosamente as forças maléficas e benéficas”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 36)

Essa ambiguidade paratópica manifesta-se nas crônicas de Clarice Lispector por intermédio da insônia e da madrugada. Porquanto, “quantas vezes a insônia é um dom. De repente acordar no meio da noite e ter uma coisa rara: solidão” (LISPECTOR, 1999, p. 69). E, ainda, “o ruído baixo de seu teclado acompanha discretamente a solidão de quem escreve”. (LISPECTOR, 1999, p. 70)

A madrugada é um tempo de solidão e a solidão uma condição para a escrita. “Acordei de madrugada” (LISPECTOR, 1999, p. 82), “para salvar essa madrugada de lua cheia eu vos digo: eu vos amo, [...] sou muito mais lunar que solar [...] e uma solidão tão maior que o ser humano pode suportar, esta solidão me toma se eu não escrever: eu vos amo”. (LISPECTOR, 1999, p. 93)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A cronografia dos textos, o momento da escrita, coincide com o momento quando todos estão dormindo. E, somente Clarice estaria acordada no mundo. Isso, pois, “uma cenografia só se manifesta plenamente quando se pode dominar seu desenvolvimento, manter uma distância em relação ao coenunciador” (MAINGUENEAU, 2008, p. 118). Clarice mantém a distância, pois escreve quando todos dormem.

Gesto paratópico da autora que, voltando à cidade ao amanhecer, na página do jornal, deseja contatar seus interlocutores. "São três horas da madrugada, estou com uma das minhas insônias. [...] *Enquanto vocês dormem, estou conversando com vocês*" (LISPECTOR, 1999, p. 104, grifo nosso). A insônia é, desta maneira, um gesto constituinte, porém, a autora manifesta desejar uma vida normal, enquanto a sua seria uma vida “anormal” de escritora paratópica, "e eu que durmo tão mal, dormi de oito da noite até seis da manhã". (LISPECTOR, 1999, p. 137)

Dormir mal é a condição para produzir. Na madrugada a consciência mística se manifesta. "São quatro horas da madrugada e é uma hora tão bela que todo o mundo que estiver acordado está de algum modo rezando." (LISPECTOR, 1999, p. 153). Rezar é comunicar e Clarice é a serva que intermedeia o contato entre os leitores e Deus. Serva consagrada que se tornou o retrato do próprio mistério por ser revelado.

O alheamento do campo literário é uma das formas de negociação de Clarice Lispector. Gesto paradoxal que coexiste ao lado do desejo de pertencer. “Desejo de pertencer ao mundo, à literatura, à família, ao Brasil” (LISPECTOR, 1999, p. 110). São, pois, afirmações entre o linguístico e o social, como formas de Clarice estar mundo e gerir o seu próprio mundo enunciativo.

4. Considerações finais

“Enquanto vocês dormem” é o título dado por Clarice Lispector à uma pequena crônica publicada no *Jornal do Brasil* no dia dezoito de maio de 1968. Por meio dela, podemos entrever o posicionamento de Clarice em relação à literatura e aos seus leitores. Clarice ensaia um sorrateiro distanciamento do mundo, como se ela estivesse de fora e assim pudesse olhar por dentro dos seres que vivem o mundo e, por estarem imersos nele, não o questionam, não o esquadrinham.

Entretanto, na solitária madrugada, espaço-temporal distante dos acontecimentos, fatos e pessoas cotidianas, Clarice tece sua escritura de

fundação, seu discurso constituinte de natureza paratópica. Clarice Lispector vive o paradoxo dos artistas que, sensíveis demais, sentem todas as dores do mundo ao mesmo tempo em que gozam e deleitam todos os pequenos e insignificantes momentos da vida: a alegria e o êxtase da mediocridade de viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTA, T. E. L. *Literatura e jornalismo na tapeçaria de Clarice Lispector*. 2014. 127 f. Dissertação (de mestrado). – Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Org.: Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Discurso literário*. Trad.: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Org.: Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *O contexto da obra literária*. Trad.: Mariana Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.